

A herança transgeracional, o complexo fraterno e o trabalho institucional¹

Sergio Eduardo Nick²

Resumo: O autor formula questões históricas da instituição IPA e suas afiliadas para então pensar sobre os frequentes impasses ocorridos nas sociedades e institutos de formação filiados à IPA. Ao entrelaçar esses fenômenos históricos aos conceitos de Complexo Fraterno e Transgeracionalidade, o autor propõe que toda ação institucional deve levar em conta não só os aspectos aludidos, como também uma conscienciosa atuação que enseje mudanças no cenário psicanalítico atual. A presença de componentes subversivos impede a livre eclosão de ações criativas e novidades institucionais, sendo necessário identificar e tratar atitudes que tenham a tendência natural de amortecer este ímpeto questionador e inovador dos jovens. Citando Jurgen Reeder, que propõe que pensemos em um 'complexo superegóico institucional' que contém uma estrutura paranoide marcada pelo medo de suplantar nossos pais autoritários, o autor entende que o trabalho institucional proposto por Bolognini pode funcionar como antídoto a esse tipo de funcionamento. A proposta seria a de permitir que esse modelo superegóico/paranoide seja substituído por um outro que enseje a criatividade e a autonomia nos candidatos e nos novos analistas.

Palavras-chave: instituição psicanalítica; história da psicanálise; transgeracionalidade; complexo fraterno.

Partindo da premissa de que somos psicanalistas e, como tais, necessitamos de um ambiente institucional estimulante para a nossa criatividade, que possibilite a eclosão do novo, facilite as relações de troca e apoio, que gere intercâmbio e maior participação, integrando nossos pensadores em um processo de reflexão contínua, para que possamos ter um espírito inovador, alma da psicanálise, e o solo fértil para o seu desenvolvimento. Começo, então, a pensar em algo para estimular os colegas desta mesa para um debate em torno das instituições e seu papel.

Ocorre que esse ambiente institucional tem a tendência natural de amortecer esse ímpeto questionador e inovador, pois alguns componentes subversivos agem contra essa missão institucional. Isso acontece com frequência na formação analítica, que deveria funcionar como um modelo, no sentido do desenvolvimento de uma identidade

¹ Trabalho originalmente apresentado no Encontro da Associação Brasileira de Candidatos ABC/Sudeste, em agosto de 2015, na SPRJ.

² Médico psiquiatra e psicanalista, membro titular da SBPRJ.

analítica, bem como para transmitir um sentimento de pertencimento, que garantisse a continuidade e o desenvolvimento da psicanálise.

Ao pensarmos sobre a história de nossas instituições, temos a constatação de que somos herdeiros de uma tradição articulada em grupos secretos e de decisões tomadas sob o manto do sigilo. Sabemos o quanto as heranças transgeracionais, caso não elaboradas, funcionam como um mandato no âmago de cada sujeito, fazendo com que ele possa seguir atuando como seus antepassados, a repetir comportamentos passados sem a devida consciência dos motivos que o move.

Como se estabeleceu e como se desenvolveu essa tradição? Se posso me permitir fazer uma breve síntese aqui, acompanhando Amendoeira (2009) e Grosskurth (1992), eu começaria dizendo que, dois anos após a publicação de *A Interpretação dos Sonhos*, Stekel propôs a Freud que reunisse alguns interessados em suas descobertas, para que formassem um grupo de discussão. Freud convida três interessados e este grupo dá origem à *Sociedade Psicológica das Quartas-Feiras*; cinco anos depois, o grupo já contava com cerca de quinze participantes, mas as picuinhas e os desentendimentos entre eles já minavam a pequena Sociedade.

Este quadro não era propriamente o que Freud esperava do convívio entre os integrantes de seu grupo. Imbuído da importância de suas descobertas revolucionárias e considerando os ataques que suportou no período do *isolamento heroico*, ele via a Psicanálise como um movimento, uma causa que requeria combatentes - verdadeiros cruzados - para sua defesa e expansão. Como era o autor das descobertas e o seu único defensor durante anos, ele se via cercado de uma aura quase heroica. Freud esperava que sua presença no grupo estimulasse a criação de laços de amizade e cooperação entre os participantes e que, assim, eles sobrepujassem as rivalidades naturais e as disputas pelas prioridades e pela busca da unção como *o seguidor preferido*.

Descontente com os rumos que estavam sendo tomados e ciente das suas próprias dificuldades de lidar com grupos, ele dissolve o grupo em abril de 1908 e forma outro, a Sociedade Psicanalítica de Viena, e começa a pensar em ampliar o movimento psicanalítico para além de Viena.

É desta época sua aproximação com Jung, que apresentou dificuldades desde seu início, sobrepujadas pelo deslumbramento de Freud com o entusiasmo e o ímpeto de Jung em adotar a sua causa, a Psicanálise. Outro fator determinante nesta aproximação era a ideia de encontrar alguém que pudesse liderar o movimento psicanalítico, com a criação de uma associação internacional de psicanálise, e Jung parecia a Freud a pessoa talhada para esta função.

Em 1910, no Congresso Internacional em Nuremberg, a Associação Psicanalítica Internacional foi fundada e teve como primeira sede a cidade de Zurique, local da residência de Jung.

A crônica da evolução das relações de Jung com Freud, com o movimento psicanalítico e com a Psicanálise é de amplo conhecimento de todos os interessados em nossa história. Elas evoluíram de mal a pior em uma velocidade inimaginável, transformando prenúncios e pequenas divergências em dificuldades incontornáveis, pois houve praticamente uma declaração de guerra de Jung contra Freud, que se sobre pôs às divergências científicas, também cada vez maiores.

Em meados de 1912, Ernest Jones propõe a criação de um comitê secreto, que protegeria Freud e a psicanálise. Freud se mostrou entusiasmado com a ideia de reunir um grupo seleta, formado por escolhidos entre os melhores e mais confiáveis colegas envolvidos com a causa, para cuidar de seu desenvolvimento e de sua defesa. Freud propôs que o comitê fosse formado, inicialmente, por Jones, Ferenczi, Hans Sachs e Karl Abraham. Logo após se dá a inclusão de Rank e, em 1919, a de Eitingon. Anton von Freund participou até sua morte, em 1920. Para selar e validar a união do grupo, Freud deu de presente a cada um deles um pequeno entalhe grego, que foi encravado em anéis; daí ser também chamado de Comitê dos Anéis ou Sociedade dos Anéis.

O Comitê deveria ser não oficial e secreto, mas com estreito contato com Freud.

Durante vários anos após a criação do Comitê, foram crescentes as dificuldades na relação de Rank com os outros componentes, fazendo com que ele deixasse o grupo em 1925. Ele foi substituído por Anna Freud, mas o Comitê acabou se dissolvendo em 1927. Os conflitos não se restringiram a Rank, pois envolviam os de Viena contra os de Berlim, Jones contra Ferenczi, Freud contra Ferenczi, entre os a favor da expansão para os Estados Unidos da América e os defensores de um fechamento na velha Europa, dentre outros.

O que mais nos interessa, nesta evolução, foi o estabelecimento de um grupo secreto, uma oligarquia dos cruzados ao redor de Freud, um poder paralelo e centralizador, com grande força e determinante das várias diretrizes que poderiam emanar da IPA, pois vários membros do Comitê a presidiram após a saída de Jung (Jones no período 1918/1925, Abraham em 1925/1926, Eitingon em 1926/ 1934, Jones de 1934 a 1949).

Este poder se cristalizou no Congresso de Bad Homburg, em 1925, no qual se programou uma conferência preliminar para discutir a formação de analistas e a proposta de uma organização internacional visando estabelecer padrões uniformes para esta formação. Eitingon apresentou uma série de princípios normatizadores: a formação não deveria estar ao encargo de iniciativas de indivíduos e, para este fim, os diferentes países deveriam criar institutos de formação que seguiriam o modelo definido pela IPA. A formação incluiria a análise didática (inicialmente *instructional analysis*, depois *training analysis*) e a análise de pacientes sob supervisão. Cada sociedade deveria eleger

uma Comissão de Ensino, e estas comissões deveriam associar-se para formar um *International Training Board (ITB)*, depois renomeado para “*Commission*” (ITC).

Estava assim estabelecido o modelo de funcionamento e de controle da formação de analistas e, conseqüentemente, os parâmetros para a constituição das novas sociedades.

O espírito do Comitê Secreto (dos Anéis) como uma oligarquia de notáveis, de paladinos na defesa da psicanálise e de sua pureza, tinha encontrado uma estrutura: a Comissão de Ensino, moldada para preservá-lo e levar adiante a busca desta pureza e da excelsa formação. O modelo cunhado por Eitingon, apoiado na sua admiração incondicional por Freud e suas ideias, replicava-se na constituição das Comissões de Ensino. Nelas, os notáveis de cada novo grupo - os didatas - tornavam-se os portadores da verdade e os arautos da defesa da boa psicanálise, revivendo e atualizando o papel de Freud e dos cruzados do Comitê Secreto.

A Comissão de Ensino, formada pelos analistas didatas, ou por um número deles, com seus ritos secretos de avaliação e com seu poder decisório, definia a progressão dos membros e alunos em cada sociedade.

Estavam criadas as condições para a repetição compulsiva dos embates que ocorreram na Sociedade Psicanalítica das Quartas-feiras e, posteriormente, no seio do Comitê Secreto: as lutas no interior dos grupos evidenciavam o trabalho de forças que, de dentro de cada um desses grupos, pressionavam contra a esperada integração de seus componentes e contribuíam para esgarçar as relações de companheirismo que poderiam se estabelecer entre eles. O que muitas vezes predominava era a rivalidade, ao lado de uma gana incoercível por poder, permeadas por uma turbulência emocional que os fazia reféns dos sentimentos mais primitivos despertados no convívio societário.

Esta constelação emocional e este modelo de relação entre os membros estão presentes em muitas sociedades e grupos de estudo. E é natural que degenerem em sociedades e grupos nos quais, em vez de estimular a formação, o desenvolvimento científico, a pesquisa e a criatividade de seus membros, os mantenham nas malhas estreitas da progressão institucional, cevando a intolerância e buscando enquadrá-los em uma forma (ou fôrma) opressiva. O analista didata, após sua titulação como tal, não estaria submetido a nenhum controle e possuiria um poder autocrático. A importância dos aspectos transgeracionais para esse estado de coisas me parece autodedutível.

Essas questões ganham vulto quando voltamos nosso olhar para a formação analítica, como exposto por Amendoeira e Gallego (1985), no X Congresso Brasileiro de Psicanálise:

Tanto o candidato quanto a instituição podem estabelecer um jogo perverso de formação/deformação favorecedor do desenvolvimento de um “falso-self-para-a-

instituição”, já que ambos, o candidato e a instituição, possuem fortes tendências a usar o poder que a instituição tem de submeter o candidato e ao qual o candidato se submeta (...) Já se os agentes institucionais são usados como espelhos que escravizam uma imagem virtual do candidato, em vez de espelharem a própria imagem real do candidato em busca de expansão, poderá ser estabelecida uma forma (/ô/) deformante (“per via di porre”), tornando-se a instituição o superego intrusivo e proibitivo ao qual o candidato se submeterá por medo, com o risco do estabelecimento de um falso self, protetor do self verdadeiro (suposto como não aceitável). (Amendoeira e Gallego Soares, 1985)

Ora, o candidato, quando exposto a esta deturpação dos objetivos da formação, sente-se pressionado a uma exacerbação dos sentimentos de dependência e da regressão aos padrões infantis de submissão à figura entronizada no lugar da paterna, que podem ser predominantes durante a formação (Amendoeira, 2009).

Jurgen Reeder (2004a), em seu livro “*Hate and Love in Psychoanalytic Institutes: The Dilemma of a Profession*”, propõe que pensemos em um ‘complexo superegoico institucional’ marcado por uma estrutura paranoide caracterizada pelo medo de suplantar nossos pais autoritários. De acordo com resenha feita pela colega Jane Hall (Reeder, 2004b), ele coloca em cena um mistério a se desvendar, um crime: a tentativa de assassinato da vida institucional psicanalítica. As armas usadas seriam o autoritarismo e a supressão organizacional do indivíduo nos Institutos. Os meios utilizados seriam o sistema de análise didática e o julgamento subjetivo dos avaliadores de candidatos, muitas vezes feito às escondidas. O motivo para o crime: a busca pelo poder. Os que reclamam seriam os que querem mudar esse sistema, e o acusado seria o Complexo Superegoico Institucional. Os jurados seriam vocês. É claro que o objetivo de Reeder é o de permitir que esse modelo seja substituído por um outro que enseje a criatividade e a autonomia nos candidatos e nos novos analistas. Só elaborando esse Complexo Institucional Superegoico é que seria possível ao analista encontrar o seu jeito próprio de ser psicanalista.

São, portanto, “variados os descaminhos quando nos debruçamos sobre a análise didática, o poder dos que a exercem em nossas instituições e a formação de redes transferenciais e suas consequências para as sociedades e para a Psicanálise” (Amendoeira, 2009, p.74). A singularidade de nossas instituições se apoia na presença da transferência e da intensa rede de relações desenvolvidas em cada análise, que replicam estruturas familiares. Cada um de nós, assim como o grupo dos analistas, deve vivenciar as identificações e os vínculos transgeracionais, a relação com o próprio Freud e seus seguidores, os eventos que fazem a história da sua instituição e sua ressonância sobre a formação e a prática clínica.

A formação analítica se configura como um ofício. O psicanalista aprende e ganha qualificação em oficinas - os institutos de formação -, onde, artesanalmente, no contato

com outros analistas, desenvolve sua análise pessoal, realiza seus seminários para o aprendizado teórico e técnico e tem o seu trabalho supervisionado (Amendoeira, 2001).

Na análise pessoal, considerada a principal atividade formativa, a transmissão artesanal se efetiva ao se submeter a uma análise com um analista mais experiente, pois foi a maneira encontrada para o observar fazendo, característico desta forma de aprendizado. À medida em que se consegue analisar e elaborar essa herança transgeracional, temos relações entre membros e sociedades mais harmônicas e produtoras de crescimento. Se o lugar dos analistas mais velhos fica entronizado como um lugar de poder e bajulação, temos um terreno fértil para o seguimento dos conflitos referidos nos primórdios de nossa associação maior. Para que isso seja evitado, muito tem se produzido no campo analítico para nos ajudar a elaborar a questão.

Kancyper (2002) nos enuncia que “o complexo fraterno é um conjunto organizado de desejos hostis e amorosos que a criança experimenta em relação a seus irmãos” (p.34). Sem buscar me alongar muito nessas questões, gostaria de enfatizar que possuímos hoje uma visão mais apurada do que ocorreu (e ainda ocorre) nas relações intra e interinstitucionais decorrentes dos ciúmes e rivalidades próprios a este complexo. Kancyper (2002) mostra como a análise, que inclui em seu bojo a abordagem do complexo fraterno, tem como decorrência uma diminuição dos conflitos semelhantes àqueles ocorridos nos primórdios da Psicanálise. É com base nisso que proponho que todo espaço institucional possa ser composto por algum tipo de fórum onde essas questões possam ser colocadas e discutidas. Isso inclui uma importante mudança de paradigma e de mente, cuja efetivação demanda um olhar fraterno diferente do eivado por ódios, hostilidades e competições. Estaríamos rumando para isso?

A proposta de Stefano Bolognini (2014) de ampliar a formação psicanalítica para um modelo quadripartite busca, a meu ver, contemplar esses pontos que alinhavo aqui, com tradução de Maria Cristina Vasconcelos. Bolognini (2014) propõe “a aquisição da capacidade de trabalhar com colegas e tornar-se parte integrante de atividades de troca científica e da vida institucional, como uma permanente função constitutiva da identidade psicanalítica”. Se bem que a primeira justificativa para essa proposta seja a ideia de ‘Educação Continuada’ (ou “formação permanente”, como ele classifica), logo ele inclui a questão comum do isolamento a que muitos analistas se recolhem como fato a ser evitado. Parece-me óbvio, face ao que eu já expus anteriormente, que esse isolamento tem várias raízes, sendo uma delas a busca de se tornar uma espécie de ‘*guru local*’, fruto da herança transgeracional que se instaura como um mandato em cada psicanalista. Ser como Freud seria tornar-se algo próximo do que descrevi acima. Na contracorrente disto, temos o encontro em grupos pequenos onde se pode discutir aspectos teóricos e clínicos que permita a cada psicanalista nutrir-se de experiências múltiplas que, depois, vão emergir dentro de cada um, propiciando mudanças, novos ‘backgrounds’ e o crescimento teórico-clínico.

Ecoando aquilo que escrevi acima, Bolognini (2014) propõe que:

Naturalmente, não esperamos ser capazes de erradicar estas questões e conflitos narcísicos, trabalhando esta área durante a formação, mas podemos esperar que alguma consciência maior sobre este fenômeno possa melhorar consideravelmente o indivíduo internamente e a atitude do grupo dos futuros analistas, em relação a estes perigos. (p.2).

Mais adiante, Stefano Bolognini (2014) volta ao tema dizendo:

Finalmente, um outro perigo deve ser mencionado, um que é menos dramático, mas igualmente insidioso: que analistas, depois de qualificados, fecham-se em um “claustrum” de devoção e familiaridade, limitado a um pequeno grupo de referência (mais frequentemente, como sabemos, seguindo a um supervisor prévio, mais do que a seu próprio analista), para defenderem-se contra o contato com uma realidade mais complexa que é a psicanálise atualmente, tão internacional e polifônica. Desta forma, o analista é apresentado à possibilidade/dificuldade de emergir de uma transferência institucional de um tipo estritamente familiar, para abrirem-se aos equivalentes da escola secundária, lugares de trabalho fora da família e da vida sociocultural em um sentido mais amplo. (p.2)

Para concluir, gostaria de dizer que a nossa identidade como psicanalistas demanda um trabalho contínuo, a partir de nossas escolhas e de nosso envolvimento em um processo interminável, que se iniciou com nossa análise pessoal, nossos estudos e nossas supervisões, e nos inseriu em um universo novo que, no mais comum das vezes, nos enriqueceu como seres humanos e ampliou nossa capacidade de compreender e perceber o mundo que nos cerca. Ela exige que cada um de nós preserve o encantamento e a paixão que nos guiaram quando fizemos a escolha deste caminho. O encontro com colegas na Instituição alarga nossos horizontes, ao mesmo tempo em que pode ser traumático. Lidar com isso é nosso dever para permitir o avanço deste ofício.

The transgenerational heritage, the fraternal complex and the institucional work

Abstract: The author makes historical issues of IPA institution and its affiliates to then think about the frequent deadlocks occurring in IPA societies and affiliated training institutes. By intertwining these historical phenomena to the concepts of Fraternal Complex and transgenerationality, the author proposes that all institutional action should take into account not only the alluded aspects, but also a conscious activity that gives rise to changes in current psychoanalytic field. The presence of subversive components prevents the emergence of free creative actions and institutional innovations, being necessary to identify and deal with attitudes that have a natural tendency to deaden this questioning and innovative drive of young people. Citing Jurgen Reeder, who proposes that we think a 'complex institutional superego' containing a paranoid structure marked by fear to overcome our authoritarian parents, the author believes that the institutional work proposed by Bolognini can serve as antidote to this kind of operation. The proposal would be to allow this superegoic model/paranoid be replaced by another that gives rise to creativity and autonomy in candidate and new analysts.

Keywords: psychoanalytical institution; psychoanalytical history; transgerational; fraternal complex.

La herencia transgeracional, el complejo fraterno y el trabajo institucional

Resumen: El autor formula problemas históricos de la institución API y sus afiliados para luego pensar en los bloqueos frecuentes que se producen en las sociedades y institutos de formación afiliados a la API. Entrelazando estos fenómenos históricos a los conceptos de Complejo fraterno y transgeneracionalidad, el autor propone que toda acción institucional debe tener en cuenta no sólo los aspectos aludidos, sino también una actividad consciente que permita cambios en el actual campo psicoanalítico. La presencia de componentes subversivos impide el surgimiento de acciones creativas libres e innovaciones institucionales, siendo necesario identificar y hacer frente a las actitudes que tienen una tendencia natural a amortiguar este ímpetu cuestionador y innovador de los jóvenes. Citando Jurgen Reeder, quien propone que pensemos en un 'complejo institucional superegórico' que contiene una estructura paranoica marcada por el miedo de superar a nuestros padres autoritarios, el autor cree que el trabajo institucional propuesto por Bolognini puede servir como antídoto para este tipo de operación. La propuesta sería permitir que este modelo superegoico/paranóide sea sustituido por otro que da lugar a la creatividad y la autonomía en el candidato y los nuevos analistas.

Palabras clave: institución psicoanalítica; historia del psicoanálisis; transgeracionalidad; complejo fraterno.

Referências

- Amendoeira, W. (2001, 10 de abril). O futuro da psicanálise no em questão. *O Globo*, Rio de Janeiro, Primeiro Caderno, p.7.
- Amendoeira, W. (2009). Algumas questões sobre a instituição e a psicanálise. *Revista Brasileira de Psicanálise*, 43 (4), 69-78.
- Amendoeira, W., Gallego Soares, L. F. (1985). *Formação: forma ou forma (ô/)*. Trabalho apresentado no Congresso Brasileiro de Psicanálise, 10, Rio de Janeiro.
- Bolognini, S. (2014). Towards a quadripartite model. Recuperado em 23 de ago. 2015. <www.ipa.org.uk/en/Translations/Translator_ipamembers.aspx>.
- Grosskurth, P. (1992). *O círculo secreto: o círculo íntimo de Freud e a política da psicanálise*. Rio de Janeiro: Imago.
- Kancyper, L. (2002). O complexo fraterno e suas quatro funções. *Revista de Psicanálise da Sociedade Psicanalítica de Porto Alegre*, 9 (1), 9-38.
- Reeder, J. (2004a). *Hate and love in psychoanalytic institutes: the dilemma of a profession*. New York: Other Press.
- Reeder, J. (2004b). *Hate and love in psychoanalytic institutes: the dilemma of a profession* (308p.). New York: Other Press. Resenha de: Hall, Jane. *Psychologist-Psychoanalysis*, 27 (1), 60-66, 2007. Recuperado em 23 de ago. 2015: <http://internationalpsychoanalysis.net/wpcontent/uploads/2007/03/hatelove_jreeder_review.pdf>.

Bibliografia recomendada:

- Amendoeira, W. (2009). A articulação das entidades psicanalíticas brasileiras. In: S. Alberti, W. Amendoeira, E. Lannes, A. Lopes, E. Rocha (Orgs.). *Ofício do psicanalista: formação versus regulamentação* (pp.23-31). São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Aulagnier, P. (1980). O direito ao segredo: condição para poder pensar. *Revista Brasileira de Psicanálise*, 14 (2), 235-256.
- Dufour, D.-R. (2005). *A arte de reduzir as cabeças: sobre a nova servidão na sociedade ultraliberal*. Rio de Janeiro: Companhia de Freud.
- Nick, S. E. (2005). *Poder, sofrimento psíquico e contemporaneidade*. Trabalho apresentado no Congresso Brasileiro de Psicanálise, 20, Brasília.
- Oliveira, W. (1965). Relações entre analistas: um estudo do grupo psicanalítico. *Jornal Brasileiro de Psiquiatria*, 14 (3/4), 159-233.
- Solis-Ponton, L. (Org.) (2004). *Ser pai, ser mãe, parentalidade: um desafio para o terceiro milênio*. São Paulo: Casa do Psicólogo.
- The Origin and Development of the IPA, Adapted from an article by William H. Gillespie, 1982, Homepage: www.ipa.org.uk
- Requirements for the Appointment of Training Analysts and Interim Training Analysts, International Psychoanalytical Association, Homepage www.ipa.org.uk
- D'Abreu, Aloysio - A Nova Estrutura Administrativa da IPA, documento de trabalho apresentado no Board da API.

Sergio Eduardo Nick
Avenida Visconde de Pirajá, 330 sala 809
Ipanema – Rio de Janeiro – RJ
22.460-030
senick@globo.com